

Ficha Técnica

Tradução	José Ribeiro Ferreira
Encenação	João Baptista
Produção	Elisabete Cação
Direção de Atores	Tânia Mendes Andreia Morado
Sonoplastia	Ricardo Neiva Joana Neves
Luminotecnia	Luís Carvalho
Coreografia	Andreia Morado
Fotografia	Kamilla Dantas
Maquilhagem	Vanessa Batista
Figurinos	Alice Reis
Programação Visual	Ricardo Acácio
Elenco	Cátia Coelho Cimar Santos Cláudia Sousa Cristiana Almeida Diogo Ribeirinha Elvira Martins Lucas Galho Monique Carvalho Ricardo Acácio

*Para a excelsa Ílion Páris não esposa mas um flagelo
levou, ao conduzir Helena para o tálamo.*

*Por sua causa, ó Tróia, tomada a ferro e fogo,
te destruiu o rápido Ares da Hélade de mil naus.
E meu marido Heitor, ai de mim, à roda das muralhas,
o arrastou no carro o filho da marinha deusa Tétis.
Eu mesma, do meu tálamo, fui às areias junto ao mar*

[levada,

*com a servidão odiosa a cingir-me a cabeça.
Muitas lágrimas me correram nas faces, por deixar
cidade em cinzas e tálamo e marido!*

*Ai infeliz de mim! Porque devia ver ainda a luz,
como escrava de Hermíone? Por ela atormentada,
esta estátua da deusa cinjo com meus braços de*

[suplicante,

toda lágrimas, qual fonte que das rochas brota.

Eurípides, *Andrómaca*

Contatos

Associação Cultural Thíasos
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Largo da Porta Férrea, 3004-530 Coimbra
thiasos@ci.uc.pt / 91 4590423 / 239 859981
associacaothiasos@gmail.com
<http://thiasoscech.blogspot.pt/>

Apoios

FESTEIA – Tema Clássico
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da FLUC
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Fundação Calouste Gulbenkian



ANDRÓMACA

DE EURÍPIDES



A figura e a marca – Andrómaca

José Ribeiro Ferreira | tradutor
Professor Catedrático Jubilado da FLUC

Talvez representada na primeira metade da década de 430-420 a. C., a *Andrómaca* colhe a ação nas consequências do conflito troiano e, com a *Hécuba* e *As Troianas*, inclui-se nas chamadas peças “troianas”. Terminada a guerra, na distribuição das cativas, Andrómaca coube ao filho de Aquiles, Neoptólemo (ou ‘Nova Guerra’), que a leva para a Ftia como concubina e dela tem um filho, Molossos. Mais tarde, Neoptólemo casa com a espartana Hermíone que, estéril, culpa disso Andrómaca, perseguindo-a com injúrias e violências. Na ausência do marido em Delfos, projeta mesmo, com a ajuda do pai Menelau, matar a rival e o filho. E teriam os dois conseguido tais intentos, apesar de a Troiana esconder o filho e se refugiar no altar de Tétis (a tragédia começa neste momento), se Peleu, o ancião avô de Neoptólemo, não tivesse acorrido em auxílio.

Enérgico, Peleu faz Menelau ceder e abandonar cobardemente a filha que, isolada e temerosa do marido, revela outra faceta da sua pessoa: entrega-se excessos de desespero, com intenções de suicídio. Salva-a da aflição a chegada de Orestes, seu antigo noivo, autor moral da morte de Neoptólemo em Delfos, em consequência de emboscada que ele próprio prepara e confessa. E Hermíone, sem outra reação, abandona o palácio e com ele foge. Logo entra um mensageiro a anunciar a morte do filho de Aquiles e a chegada do seu corpo. São evidentes a dor e o desespero de Peleu: a morte, por intervenção de Apolo, roubara-lhe o filho e o neto e cavara o vazio na sua vida. É assim a guerra.

Composta durante a Guerra do Peloponeso, a *Andrómaca* vive de algumas ideias força como a crítica e animosidade aos Espartanos que são dados

a excessos, violentos, cobardes, só sabem argumentar com a força. Vive de oposições e contrastes como senhor/escravo, grego/bárbaro e moderação/excesso, que ganham corpo durante toda a peça, quer nas palavras de Andrómaca e Hermíone, quer na atitude desta e do pai Menelau. Andrómaca confessa-se escrava e cativa; Hermíone proclama-se livre e senhora, acusando a rival de o não ser. Andrómaca, que é estrangeira, mostra-se mais grega no proceder, na moderação, na virtude, do que a princesa espartana que se entrega a violências, terrores infundados, histerismos, excessos que os Gregos combatiam e censuravam, como próprios dos não gregos / bárbaros.

Enfim, Andrómaca é a figura que dá o ser à tragédia, que se impõe e que oferece o modelo por que pautamos todas as outras. E a recompensa que Tétis lhe concede no final é a conclusão lógica e justa e o prémio merecido para esta figura nobre e digna que, através de uma vida difícil, cheia de dor, de privações e sofrimentos, soube dominar-se, manteve a moderação e guardou fidelidade à memória de Heitor.

Andrómaca – memória e tragédia

João de Sousa Baptista | encenador
Doutorando em Estudos Clássicos na FLUC

Marcada pela incessante lembrança da Guerra de Tróia e pela constante lamentação dos seus efeitos, a *Andrómaca* de Eurípides transporta uma poderosa mensagem: a guerra gera ódios que causam devastação muito para além dos campos de batalha. As memórias da guerra passada são partilhadas por todas as personagens, até pelas que a viveram à distância. Passada a guerra, cada uma delas vive agora dramas pessoais que são fruto dessa tragédia coletiva.

É o drama de Andrómaca que ocupa o lugar principal: já na Grécia, como escrava do filho de Aquiles, é vítima do ódio da sua senhora que, com a ajuda do pai, tenta conseguir a morte dela e do seu filho, que assiste à iminente tragédia. No entanto, são ambos poupados à morte, graças à ajuda de Peleu.

Ultrapassada esta primeira tensão, a ação ganha uma nova amplitude, dando-nos a conhecer o drama de Hermíone, os sofrimentos passados de Orestes e, finalmente, a tragédia que atinge Peleu. Presas a um rígido xadrez por fortes condicionantes culturais e sociais e experimentando os limites dessas condições e das suas próprias identidades, estas personagens de *Andrómaca* medem-se, a si e ao seu mundo, pela diversa medida que pauta a moderação e o excesso.

Antes do fim, manifesta-se a divindade que restabelece a ordem, lembrando os mortais da sua condição e premiando a conduta de Peleu. Quanto a Andrómaca, superada mais uma prova, ilesa e reunida ao filho, mantém no rosto a esperança e a nobre serenidade que inspira os justos.